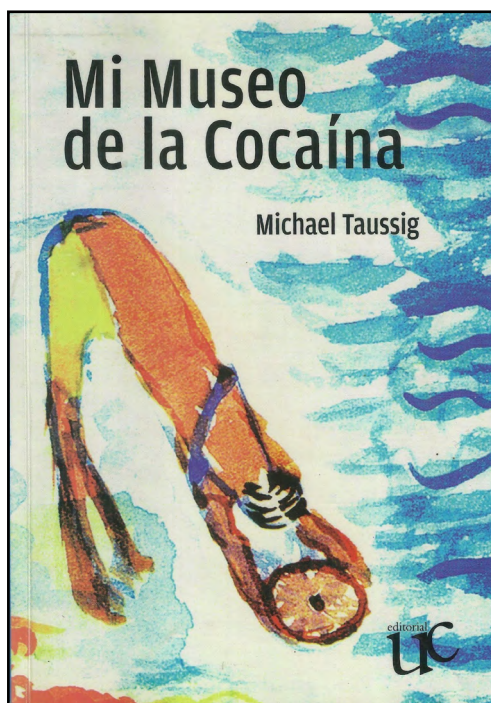


# Revisão do livro *Mi Museo de la Cocaína* de Michael Taussig (2013)\*

<https://doi.org/10.22395/csye.v11n22a15>



Capa do livro *Mi Museo de la Cocaína*  
Fonte: Taussig (2013).

**Thiago Godoi Calil**

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil  
calil.thiago@alumni.usp.br  
<https://orcid.org/0000-0003-1052-6578>

Como citar: Godoi Calil, T. (2022). Revisão do livro *Mi Museo de la Cocaína* de Michael Taussig (2013). *Ciencias Sociales y Educación*, 11(22), 409-416. <https://doi.org/10.22395/csye.v11n22a15>

Recebido: 8 de Agosto de 2022.

Aprovado: 16 de Agosto de 2022.

O antropólogo australiano Michael Taussig, é também formado em medicina e atualmente é professor da Universidade de Columbia, nos EUA, e da European Graduate School, na Suíça, e esteve parte de sua vida relacionado com a *Universidad del Cauca*, na cidade de *Popayán*, Cauca, Colômbia. Nos anos 1970, e mais assiduamente entre 1990 e 2002, Taussig esteve inúmeras vezes em regiões próximas à Costa Pacífica colombiana na região de *Timbiquí*, no litoral do Estado de Cauca. A intenção do autor era escrever um livro sobre as pessoas e a mineração, mas a presença em campo o fez perceber que à medida que a aparição do ouro diminuía, a presença da cocaína aumentava, principalmente no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Assim nasce o livro 'Mi Museo de la Cocaína', tradução do original 'My Cocaine Museum' (2004). A obra é composta por 31 breves capítulos e um epílogo, além de notas sobre a tradução realizada por Cristóbal Gnecco. Esta brilhante versão em espanhol é fruto do cuidadoso trabalho de Gnecco em preservar as intenções da escrita original, mantendo a fluidez e o movimento proposto na escrita etnográfica de Taussig, que segundo o tradutor Cristóbal, eleva o relato etnográfico à condição de obra poética. O livro apresenta o compromisso do autor com os acontecimentos do cotidiano, e propicia uma rica e provocativa etnografia ao compartilhar vivências e experiências, que já elaboradas na escrita, nos convida a passear pela imaginação e refletir sobre as contradições presentes nas realidades da formação histórica e atual das sociedades latino-americanas.

Ao falar sobre cocaína, podemos nos referir, na linguagem popular, por 'ouro branco'. Falar do ouro, é também imaginar o reluzir amarelo do ouro em pó repousado no leito dos rios. Ouro é Coca e Coca é Ouro. Assim, no livro, Michael Taussig expõe brilhantemente esta exuberante aproximação latino-americana entre Ouro e Cocaína. A obra faz alusão ao mundialmente famoso '*Museo del Oro*' de Bogotá, e questiona os reais motivos da reconhecida fama internacional do museu, que pouco expõe os processos de violência e exploração escravocrata na extração do metal e privilegia a exibição do brilho reluzente de peças douradas de povos do período pré-colombiano. Segundo o autor, a exaltação ao fetiche do museu pelo ouro, nega anos de exploração escrava em terras latino-americanas, assim como a miséria, o sofrimento humano e demais consequências sociais dos tempos atuais relacionados ainda hoje ao ouro e atualizadas na economia da cocaína ilegal. Assim, será que a relação da humanidade com o ouro poderia nos dar alguma pista em relação à cocaína? Taussig ressalta que se o ouro determinou a economia política da colônia na época do Império, é a cocaína e a sua proibição liderada pelos EUA, que produziu na Colômbia muitos de seus problemas sociais a partir da década de 1970. Para o autor, evitar um debate franco sobre a cocaína, é perpetuar a perversidade hipócrita de negação, como fez o '*Museo del Oro*' em relação à exploração escravocrata criticada por Taussig.

Após essa analogia inicial em relação ao museu do ouro, o livro passa a apresentar registros dos trabalhos de campo de Taussig que passam a formar um acervo particular de suas experiências, momentos e fenômenos que formam a árdua vida na Costa Pacífica da Colômbia. Desta forma, ao afirmar que não se pode negar a história, o autor joga luz à importância de se abrir o diálogo sobre a economia da coca-cocaína e as consequências de políticas de drogas proibicionistas, como por exemplo o elevadíssimo encarceramento, e evidencia partes da história latino-americana que permaneceram ocultas e emudecidas como mais uma das ferramentas de opressão e anulação subjetiva das vidas que foram, e ainda são, massacradas pela exploração colonial e capitalista. Assim como a história do ouro, a história recente da cocaína proibida também tem suas doses de ambição, cobiça e violência. É neste ponto que a escrita de Taussig nos apresenta outras versões e perspectivas da relação entre a humanidade e a coca, valorizando o uso tradicional indígena das folhas de coca pelos povos pré-colombianos anteriores ao contato e captura europeia que a transformou em cocaína, e que atualmente é proibida e comercializada pelo tráfico internacional de drogas. O livro traz importantes informações históricas de como a relação harmônica entre ouro e coca em culturas tradicionais indígenas evidenciam a força desta aproximação.

Estarna Colômbia é sentir a visceral ligação entre estas duas riquezas ancestrais e atuais, onde matéria e mito se conectam e desconectam continuamente – no encontro subjetivo entre o ouro e a coca. A forma mais recorrente de uso tradicional da folha de coca é por meio da ‘insalivação’, como nos ‘Poporos’ de ouro exibidos no ‘Museo del oro’ de Bogotá. A ‘insalivação’ consiste em insalivar um bolo de folhas e manter na bochecha por 2 ou 3 horas. Esta via de administração possibilita que os alcalóides contidos nas folhas atuem no organismo humano de forma benéfica, já que “tiram o cansaço, a fome, a sede e o sono, propriedades da folha que os indígenas nativos, sem nenhuma dúvida, descobriram empiricamente” (Santoni y Torres, 2010, p. 10 – tradução minha). O fato é que a coca permaneceu onipresente na cultura andina ao longo do tempo, evidenciando seu profundo enraizamento simbólico, mítico e mágico entre os povos sul-americanos. Segundo Taussig, para a cultura indígena dos Kogi, da Sierra Nevada no norte da Colômbia, por exemplo, o ouro representa o sangue menstrual da mãe-terra. Os homens, exclusivamente, fazem conexões íntimas entre a coca e o precioso metal em seus lendários ‘Poporos’ de ouro. Os ‘poporos’ são recipientes utilizados como instrumento para dispor o pó (alcaloide) feito de conchas tostadas e moídas para maior absorção do princípio ativo na mastigação das folhas de coca. O acúmulo de cinzas das conchas e saliva seca nas bordas dos ‘Poporos’ representa o pagamento à Mãe terra pela desonra de extração do profundo metal, em um processo ritual que consiste em absorver coca e acariciar os ‘poporos’ de ouro, e assim ‘escrever pensamentos’ calcados nasgrossas

crostas que se juntam em suas bordas. Estas conexões entre os homens e os 'Poporos' são capazes de produzir ciúmes e rivalizar com as mulheres do grupo devido à relação inseparável entre os homens e esses objetos (Reichel-Dolmatoff, 1985 in Taussig, 2013). Desta forma, apesar do objeto ser útil na utilização da coca, segundo Taussig, "o poporo' é mais que um artefato mecânico, mas sim uma extensão viva do corpo e da mente" (Taussig, 2013, p. 21 - tradução minha).

Assim, a utilização das folhas de coca marca culturas milenares, tradicionais e dotadas de considerável valor cultural para distintos povos das regiões amazônica e andina. Segundo exaustiva pesquisa arqueológica e revisão de crônicas do período da conquista espanhola, as antropólogas argentinas Mirta Santoni e Graciela Torres (2010) apontam distintos sentidos atribuídos à folha de coca, entre eles: oferendas; rituais de iniciação, de sacrifícios humanos e cerimônias fúnebres; medicinal; adivinhação; e também como moeda de troca. As estimativas mais antigas do uso e cultivo da coca datam de 3.000 A.C. em peças de cerâmicas da cultura Valdivia encontradas no Equador. Entretanto, sua presença alarga-se pelas Américas Central e Sul, onde existem evidências de seu uso desde a Nicarágua até noroeste da Argentina (Santoni y Torres, 2010). Atualmente, este uso tradicional é abafado e criminalizado pelas ressignificações morais atreladas ao consumo e comércio global da cocaína ilícita.

Já em relação ao ouro, Taussig apresenta o contraste entre a relação ancestral e mística da humanidade com o metal, antes de se tornar elemento de interesse comercial e 'alquímico'. O autor contrasta a diferença entre a adoração indígena que valoriza o aspecto simbólico e mimético do ouro derretido em máscaras de animais e demais adereços, e o atributo simplesmente material associado ao valor e poder de compra do metal dourado dentro do capitalismo globalizado. Taussig contrapõe também o antiquíssimo modo tradicional de busca pelo minério e os métodos empregados atualmente tanto pelas mineradoras internacionais quanto pela mineração ilegal que preenche também os afluentes do *Timbiquí*. No modo tradicional, mulheres, que com um organizado movimento entre braços e mãos, giram as 'bandejas' (*bateas*) em uma rotação centrífuga que filtra paulatinamente o ouro das impurezas da terra submersa nos rios (imagem da capa da edição em espanhol). No modo capitalista, empresas multinacionais e grupos clandestinos afundam suas dragas que violentam e desconfiguram o leito dos rios se alimentando de exploração e violência. O autor problematiza a ideia de que o ouro é a mãe de todas as mercadorias. Será? É de se pensar ao considerarmos o movimento de 'globalização' pautado pelo comércio e mercado, onde o ouro certamente possui caráter pioneiro junto com as especiarias e os 'temperos da alma', como as folhas de coca, por exemplo, que foram também transportadas pelo mundo na época das grandes navegações. Se a presença do ouro passa a diminuir nos corredores fluviais da região de *Timbiquí*, a cocaína

passa a aumentar vigorosamente, e os mitos locais que apontam o diabo como dono do ouro, podem facilmente se atualizar na presença contemporânea da cocaína.

Neste cenário, em que a mineração ilegal e o tráfico de cocaína tornam-se alternativas de sobrevivência, o livro apresenta como interesses políticos e econômicos associados a incompetência do Estado Colombiano, evidenciou e acentuou as condições de vulnerabilidade econômica e social do país no final do século XX. A obra retrata a vida social de uma região esquecida pelo poder público, ocupada majoritariamente por descendentes de escravos que conseguiram se esconder nestas zonas de clima complicado e acessos escassos durante os séculos XVIII e XIX. Atualmente, a região reflete o descaso do Estado e as contradições da sociedade colombiana, pois são zonas em que grande parte da população vive na miséria, e a falta de oportunidades econômicas tornam os cargos públicos 'cabrestos' de dependência com o Estado. Ao longo da obra, as compreensões de Taussig sobre a vida social colombiana estão em constante conversa com poéticas metáforas sobre a geografia e o clima da Costa Pacífica por meio de suas florestas, ventos, texturas, cores, chuvas, pântanos, brilhos, nuvens e tédio. Uma umidade extrema onde a distinção entre ar e água se evapora, e nas palavras de Taussig (2013), é penetrada por "lama, manguezais, mosquitos, chuva e pobreza incessante, um mundo abandonado, enterrado no horror anfíbio" (p. 178). Tal peculiaridade climática deixou a região menos explorada desde o período da colônia, e que recentemente foi ramificada pelos cortes fundos da mineração de ouro (legal e ilegal) e do mercado da cocaína ilícita. A mineração ilegal, que muitas vezes está subordinada a grupos de Guerrilha e Paramilitares, acaba financiando também o tráfico ilícito de drogas e armas. O cenário se vê complexo desde o acordo de paz estabelecido com as FARC em 2016, pois desde então, muitos camponeses que abandonaram os cultivos ilícitos de coca se encontram com dificuldades de substituir sua fonte de renda, reaparecendo a mineração clandestina como possibilidade econômica plausível. O ciclo é vicioso. Do ouro-para-a-cocaína e da cocaína-para-o-ouro.

Segundo relatório '*La Minería en Chocó, en clave de derechos*', que é resultado de uma investigação sobre as alternativas para a crise socioambiental territorial, foram a Guerrilha<sup>1</sup> e grupos paramilitares<sup>2</sup> que injetaram dinamismo econômico na região da costa Pacífica por meio dos cultivos de coca, colaborando para as comunidades locais investirem em maquinário para a prática da mineração clandestina (Melo Ascencio, 2015). O nó é grande. Uma junção de forças complexas fundamental para compreender o conflito armado, o tráfico de drogas

<sup>1</sup> Grupos armados de esquerda bastante comuns na Colômbia.

<sup>2</sup> Grupos de direita organizados com estrutura semelhante a militar. Muitas vezes apresentam envolvimento informal com as forças do Estado. São os responsáveis pela maioria das violações de direitos humanos nas últimas décadas na Colômbia. Na realidade brasileira podemos relacionar com as milícias.

e a mineração ilegal na Costa Pacífica colombiana. Estas duas economias, do ouro e da coca-cocaína, se misturam com o sustento, com o desenvolvimento, com a violência e com o cotidiano destas zonas pouco atendidas pelas vontades políticas da '*Casa de Nariño*'<sup>3</sup>.

A escrita de Taussig detém constante atenção às variáveis contextuais e históricas da Colômbia, apontando as incongruências entre o papel do Estado e as precárias condições da vida social no país. O autor denuncia como a própria ideia de 'guerra às drogas' é também financiada pelo próprio tráfico internacional de drogas, e como as estruturas de poder que formam o Estado colombiano desembocam na continuidade do racismo e espoliação dos mais pobres. Contudo, apresenta também como os possíveis modos de vida amparados pelas economias do ouro e da coca-cocaína atuam como forma de transgressão subjetiva, e se tornam alternativas econômicas de sustento na ten-sa realidade colombiana. Assim, unir os mundos do Ouro e da Cocaína é narrar a história de pessoas exploradas que se sustentam em condições extremamente precárias de sobrevivência (Taussig, 2013). O livro é um excelente registro sobre vidas precárias no meio de giros exorbitantes de capital atrelados ao produto final de sua mão-de-obra (ouro e cocaína), onde os ganhos financeiros e a esperada ascensão social provenientes de sua comercialização é para poucos, e certamente passam distante das suas mãos e olhos.

A leitura de '*Mi Museo de la Cocaína*' é um deleite, e instiga deixar fluir os pensamentos sobre as demais aproximações possíveis entre as forças do ouro e da cocaína. Deste modo, peço permissão para neste parágrafo apresentar breve testemunho sobre o impacto da obra. Ouro e cocaína recebem apelidos derivados do seu brilho reluzente, porém de formas distintas causam efeitos de fissura, ambição, excessos e poder. Ambos são valiosos e propensos ao azar, além de disputados e valorizados a partir de sua porcentagem de pureza. Um e outro, desde a forma bruta até a comercializada, passam por processos químicos e térmicos em suas respectivas refinarias. Ambos poluem os rios: seja pelos químicos despejados pelos laboratórios clandestinos de refinamento da cocaína, ou pelo nocivo mercúrio na separação e derretimento do ouro. Este e aquele, guardam seus pontos e rotas centrais e estratégicas para a distribuição global. A cocaína, devido a origem botânica específica do arbusto de coca, tem como base os países andinos da América Latina. O ouro, espalhado pelo subterrâneo do planeta, possui sua maior movimentação comercial em Dubai, a perfeita localização central e global para viabilizar efetiva comercialização em todos os continentes. Ambos afirmam suas maiores cifras de exportação em negociações com seu maior comprador, os Estados Unidos da América

<sup>3</sup> Sede do governo da República da Colômbia em Bogotá. Funciona também como residência do Presidente da Colômbia.

do Norte (Melo Ascencio, 2015). A cocaína fomentou a indústria de joias de ouro a partir da ostentação praticada pela súbita ascensão social de traficantes. A dupla - ouro e cocaína - gera gigantescas e lucrativas transações financeiras, e atrelado a isso, ambas dinâmicas em torno da cadeia de produção e venda submergem-se em ondas de avidez, corrupção e violência. No ouro, o sufocamento de uma cultura, como ocorrido na fundição de inúmeras máscaras de ouro Incas realizada pelos espanhóis para serem transformadas em lingotes de ouro para serem transportados à Europa com valor comercial (Taussig, 2013). Na cocaína, a trágica resignificação do consumo da coca tradicional indígena para o consumo de cocaína ilícita por todo o globo, principalmente nos centros urbanos. Ambas, seja por meios lícitos ou ilícitos, são mercadorias de significativo valor nos processos geopolíticos e de globalização em marcha. Em 2007, o preço de um grama de cocaína era 3 vezes superior que a grama de ouro (Araújo, 2012). Assim, a busca pelo ouro e pela cocaína certamente envolve ganância, mistério e riscos, e a partir do momento de suas posses, a euforia e a matéria desaparecem fugazmente pelas forças do consumo.

Taussig argumenta que ouro e cocaína são fetiches que se apresentam mais como entidades espirituais do que como simples matéria mineral ou vegetal. E é aí que estão suas *'extrañas bellezas'*, e como todo fetiche, podem criar armadilhas para a percepção e compreensão humana, afinal, representam aquilo que todos queremos, mas que sabemos profundamente que não devemos ter (Taussig, 2013). Nas palavras de Taussig:

Não é uma filosofia da forma, mas da substância e da força - como o ouro, como a cocaína - substâncias transgressoras, eu as chamo, cheias de todos os tipos de perigo que não podem fornecer muito ao mundo em termos de uma forma estável, mas muito na verdade, em termos de exuberância e perturbação. (Taussig, 2013, p. 20 - tradução minha)

Ainda segundo o próprio autor:

O que confere ao ouro e à cocaína seu status peculiar e privilegiado [...] é a maneira como eles deslizam pela vida e pela morte através da sedução e graças à transgressão. A morte persegue essas substâncias na mesma medida em que elas animam a vida, encantam e obrigam [...] são o contágio emitido pela quebra de um tabu - um contágio que é material, espiritual e moral. Mas, então, você deve se perguntar: por que o tabu é quebrado tão repetidamente? (Taussig, 2013, p. 255 - tradução minha)

A resposta pode ser com provocação subjetiva: as dinâmicas em volta destas mercadorias, cocaína e ouro, desafiam todo e qualquer significado padrão de economia, pois não apresentam oscilações naturais de mercado, além de debocharem das convencionais leis de oferta e demanda, pois esta é sempre constante. Impõem à economia complexidades “fantasmáticas

desconhecidas pela economia convencional. São os luxos pelos quais as pessoas estão preparadas para serem enganadas” (Taussig, 2013, p. 132 - tradução minha), desesperançadas e soltas para colocarem-se em risco e extrapolar os contornos da cautela e do bom senso.

A obra propicia uma deliciosa leitura de narrativas, história natural, cultura popular, miséria, e pobreza registradas em um excelente trabalho de campo, e é indicado não só para antropólogos e demais disciplinas das ciências sociais e humanas, mas também para qualquer pessoa que tenha interesse na história e realidade da América Latina. O livro apresenta a instigante ideia de que seja o ouro ou a coca-cocaína, são valiosos justamente por não poderem ser separados, e/ou ‘purificados’ da fronteira entre atração e repulsão que os invade na produção subjetiva contemporânea. Quais as possíveis forças de sedução e abominação que encarnam o ouro e a cocaína? “O que se passa com essas substâncias compactadas pelo tempo?” (Taussig, 2013, p. 40). Desta forma, o livro nos propõe a refletir sobre a velocidade e intensidade que essas ‘coisas’, que se confundem entre arte, magia, substância e matéria chacoalham a vida cotidiana de localidades em condições de extrema desigualdade e vulnerabilidade social, econômica e política na América Latina.

## Referências

- Araújo, T. (2012). *Almanaque das drogas: um guia informal para o debate racional*. Leya.
- Santoni, M. y Torres, G. (2010). La coca (erythroxylum coca). Masticando su historia. *Revista Kallawaya*, (Número especial “La hoja de coca y el coqueo”), 1-10.
- Taussig, M. (2013). *Mi museo de la cocaína*. Universidad del Cauca.
- Melo Ascencio, D. (2015). *La Minería en Chocó, en Clave de Derechos*. Centro de Estudios para la Justicia Social Tierra Digna.